



REALIDADES VIVENCIADAS NO ENSINO PRESENCIAL JUNTO AOS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DOCENTE NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: UMA VISÃO DE PROFESSORAS EM FORMAÇÃO

Lorena Pintanel Espinoza (lorena.pespinoza@outlook.com)

Laryssa da Cunha Rezende Silva (lary.rj14@gmail.com)

Pedro Leal de Souza (lealpedro30@gmail.com)

Patrícia Baptista Ramos (pattybramos@gmail.com)

Daza de Moraes Vaz Batista Filgueira (dazafil@gmail.com)

Emanuela Garbin Martinazzo (emartinazzo@gmail.com)

Sônia Marisa Hefler (smhefler@yahoo.com.br)

Eixo temático: 1. Experiências e Práticas Pedagógicas.

1. INTRODUÇÃO

Com o advento da pandemia da COVID-19 e, em função da elevada transmissibilidade e sua distribuição global, houve a necessidade do fechamento de comércios considerados não essenciais, restaurantes, universidades e escolas. Com as aulas presenciais suspensas, adotou-se a forma remota de ensino, que foi chamada de Ensino Remoto Emergencial (ERE).

De acordo com Hodges, em contraste com as experiências que são planejadas e projetadas para serem online, ERE é uma mudança temporária para um modo de ensino alternativo devido a circunstâncias de crise (HODGES, 2020). O ERE conta com aulas síncronas, que acontecem ao vivo, com estudantes, professor ou professora numa mesma sala virtual, interagindo por meio de som e imagem, e assíncronas, nas quais o professor ou professora disponibiliza, em alguma plataforma virtual, um arquivo com suas explicações sobre um determinado tema. A plataforma adotada pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul foi o Google Sala de Aula, plataforma on-line e subsidiada pelo governo estadual, que auxilia professores, estudantes e escolas com um espaço para a realização de aulas virtuais, permitindo encontros por vídeo chamada, postagens de atividades, lista de presença, feedback dos professores às atividades entregues, entre outras funções.

O objetivo deste relato é relacionar algumas vivências entre o ensino presencial e remoto nas escolas da rede básica, contrastando as dificuldades enfrentadas pelas residentes do Programa Residência Pedagógica nos anos de 2020 e 2021 frente ao ERE, com as experiências vivenciadas no Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) entre 2018 e 2019, anos que antecederam à pandemia, tendo em vista que a autora deste trabalho junto a uma das co-autoras participaram de ambos os projetos.

2. METODOLOGIA

Neste trabalho, faz-se o relato da vivência, comparativamente entre o ensino presencial e o remoto, das experiências proporcionadas pela atuação como *pididianas* (entre os anos de 2019 e 2020) e residentes pedagógicos (entre os anos



de 2020 e 2021), em um contexto em que a aula remota se tornou o principal meio de ensino.

O PIBID tem como objetivo incentivar a carreira docente, favorecendo processos de formação em rede através da construção da identidade profissional via imersão dos licenciandos na escola (PROGRAD - FURG, 2021). Ele é uma forma de antecipar o vínculo entre os licenciandos e a escola, proporcionando oportunidades para que os futuros professores participem da criação e aplicação de diversas experiências metodológicas. Nestas participações, os integrantes do projeto não são responsáveis pelos planejamentos das aulas, nem responsáveis pelas turmas em que atuam. As atividades que os *pibidianos* desenvolvem são complementares às aulas ministradas pelo professor responsável.

Por outro lado, a Residência Pedagógica tem por objetivo promover a experiência de regência em sala de aula a discentes da segunda metade dos cursos de licenciatura, atuando em escolas públicas, acompanhados pelo professor titular da turma (PROGRAD - FURG, 2021). O planejamento das aulas acontece de acordo com o conteúdo que está sendo trabalhado com a turma, orientado pela professora preceptora, responsável por supervisionar as atividades propostas. A vivência aqui relatada com o PIBID ocorreu entre março/abril de 2019 e 31 de janeiro de 2020. Deste relato duas de nós participamos do projeto, a autora e a primeira co-autora. Cada uma de nós esteve em turmas de colégios diferentes com, aproximadamente, 25 estudantes em cada turma. Tivemos como escolas-campo a E.M.E.F Viriato Correa, situada no bairro Getúlio Vargas, onde a primeira co-autora atuava juntamente com sua dupla do PIBID e a E.E.E.F Saldanha da Gama, localizada no bairro 4ª secção da Barra, em que a autora atuava com mais duas colegas do PIBID, ambas na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul.

A vivência com a Residência Pedagógica teve seu início em outubro de 2020 e segue em atividade. Neste projeto, a autora e a co-autora atuam como uma dupla em duas turmas de 1º ano do Ensino Médio na E.E.E.M. Eng. Roberto Bastos Tellechea, também em Rio Grande. As duas turmas foram unidas para as aulas online e, juntas, somam 52 estudantes.

O projeto da Residência Pedagógica foi dividido em módulos: no primeiro, nós conhecemos as escolas e estudamos o método a ser aplicado conforme o projeto, trabalhando a área das ciências da natureza de forma interdisciplinar. No segundo módulo, começamos a desenvolver as atividades a serem realizadas, levando em conta neste planejamento as instruções da professora preceptora, que este precisava ser pensado para atender todos os estudantes, de forma síncrona e assíncrona. Posteriormente a aula é enviada para os alunos na forma assíncrona. Para as aulas síncronas é utilizado o mesmo método: as residentes planejam a aula de acordo com o que foi conversado com a professora, havendo mais autonomia das residentes.

3. DISCUSSÃO DO RELATO

3.1 Vivências no contexto do PIBID

Durante a nossa participação no PIBID, as aulas ocorreram de forma presencial nas escolas-campo (E.M.E.F Viriato Correa e E.E.E.F Saldanha da Gama) e semanalmente participávamos das aulas (com cerca de 100 minutos) nas turmas de 6º e 7º anos do ensino fundamental. Utilizamos em nossas práticas



recursos como jogos, tabelas, exposição escrita na lousa, *quizzes*, massinha de modelar, vídeos, além de muito diálogo acerca dos conteúdos abordados, de modo que pudesse auxiliar o professor durante as aulas. As atividades aconteciam em sala de aula, na presença do professor titular, com o auxílio das *pibidianas*. Nesse modelo de ensino, a maioria dos estudantes compareciam às aulas e estávamos acostumadas em vê-los, e observar como lidavam com os conteúdos trabalhados, podendo assim montar aulas mais satisfatórias de acordo com as participações e comentários feitos sobre as atividades.

Como exemplo das aulas presenciais, resolvemos trazer dois relatos, um sobre uma aula presencial na E.M.E.F. Viriato Correa, em que a co-autora atuava juntamente com sua dupla do PIBID e outro sobre uma aula presencial, na E.E.E.F. Saldanha da Gama, em que a autora atuava juntamente com mais duas colegas do PIBID. Após isso, nós, autora e primeira co-autora, iremos relatar nossas vivências durante o ERE, momento em que atuamos como uma dupla no projeto Residência Pedagógica, para comparar os diferentes modelos de ensino (remoto e presencial).

Durante as aulas presenciais na E.E.E.F. Saldanha da Gama, a autora e suas duas colegas de trabalho no PIBID, utilizaram alguns materiais didáticos e paradidáticos para despertar a curiosidade nos estudantes e aumentar a interação entre os estudantes, *pibidianas* e professores. “Entende-se por material didático todo ou qualquer material que o professor possa utilizar em sala de aula; desde os mais simples como o giz, a lousa, o livro didático, os textos impressos, até os materiais mais sofisticados e modernos” (FISCARELLI, 2007, p. 1). Já os materiais paradidáticos, são aqueles não usuais em sala de aula, que não foram pensados para o ensino especificamente, como jogos, massinha de modelar, história em quadrinhos, entre outros.

A aula escolhida para o relato, ocorreu em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental com 23 alunos na escola Saldanha da Gama. Nela, foi utilizado um jogo didático que continha um tabuleiro feito de feltro, um dado, 4 pinos de boliche de diferentes cores e 22 caixinhas de fósforo numeradas, e com perguntas dentro. O jogo (Figura 1) funcionou da seguinte forma: após a formação de quatro grupos, cada um destes grupos foi representado por um pino de boliche. Um grupo jogava o dado e escolhia uma caixinha que, quando aberta, havia uma pergunta previamente elaborada pela autora e colegas de trabalho sobre assuntos vistos ao longo das aulas anteriores (vírus, bactérias, poríferos, platelmintos e nematelmintos). O grupo que escolheu a caixinha, deveria responder corretamente à pergunta para jogar o dado e avançar no tabuleiro o número de casas indicadas pelo dado. Se o grupo errasse a resposta, permaneceria no mesmo lugar.

Utilizar o jogo em sala de aula foi uma ótima experiência, tivemos bastante interação entre os estudantes e *pibidianas* acerca dos aprendizados das aulas passadas. Também nos preparou para uma "mudança de planos instantânea", pois no decorrer deste jogo, houve forte competição entre os grupos, levando as *pibidianas* a alterarem as regras para não resultar em discussões maiores entre os estudantes.

Figura 1: jogo didático utilizado durante aula na E.E.E.F Saldanha da Gama



Fonte: Lorena Espinoza

O segundo relato é referente às aulas presenciais na E.M.E.F Viriato Correa, em que a primeira co-autora atuava com sua dupla do PIBID. Foi aplicado um questionário com os estudantes a fim de entender quais as expectativas, demandas e afinidades dos mesmos com a disciplina. Os planejamentos das aulas e metodologias se deram com base nas respostas dos alunos. Durante o nosso tempo com a turma utilizamos diferentes metodologias com o intuito de incentivar a aprendizagem e despertar a curiosidade sobre os assuntos e a interação entre eles, como por exemplo, a construção de tabelas, jogo de perguntas, apresentação de vídeos, uso de reportagens e o uso do microscópio. Entretanto, neste relato o enfoque foi dado ao uso do microscópio, por ter sido uma das primeiras experiências em sala de aula e também por ter ficado marcada pela reação dos alunos com a atividade.

O uso do microscópio se deu para introduzir o conteúdo “célula” instigando a curiosidade dos estudantes e para “quebrar o gelo” durante o primeiro contato entre a primeira co-autora, sua dupla do PIBID e os estudantes. Ao entrar em sala pudemos observar que a caixa que levávamos já chamava a atenção dos alunos, então não foi difícil introduzir a temática de células. Após conversar brevemente com eles para compreender o nível de entendimento sobre o assunto, finalmente iniciamos a atividade de visualização de lâminas prontas de células vegetais e animais. Ao ver o microscópio e as lâminas, os estudantes estavam bem falantes, animados e curiosos, visto que essa era uma atividade que eles haviam pedido. De acordo com que os estudantes iam tendo a oportunidade de olhar as células, o ambiente ficou tomado com uma única pergunta: “era só isso professoras?”. Naquele momento, o que sentíamos era o puro nervosismo, mas logo em seguida percebemos o quão natural era aquela reação. Lembramos que no início da graduação, quando tivemos a primeira aula prática com microscópio, a reação da nossa turma foi bem parecida pois não sabemos muito o que ver ali.

Por esse motivo, essa foi nossa experiência favorita na jornada da primeira co-autora como *pidiana*, pois não existe uma “aula perfeita” mesmo que na modalidade presencial. Entretanto, conseguimos ter uma melhor percepção da reação dos estudantes sobre o que fazemos. Além disso, é sabido da importância



da relação professora-alunos para tornar as aulas mais agradáveis. A boa relação entre professor e aluno é de extrema importância para o sucesso das práticas pedagógicas no contexto escolar e assim, deve-se dar atenção a essa temática, para que ações desenvolvidas no âmbito da sala de aula sejam concretizadas como o esperado (Lopes,2014).

3.2 Vivências no contexto da Residência Pedagógica

Já na experiência da autora e primeira co-autora com a Residência Pedagógica, tudo aconteceu de forma remota. Neste projeto, trabalhamos em conjunto com duas turmas do 1º ano do ensino médio que, juntas, somaram um total de 52 alunos. Porém destes, apenas 12 compareciam às aulas síncronas e respondiam as atividades assíncronas propostas. Essa ausência, segundo conversas com os alunos, deu-se porque alguns estão trabalhando para auxiliar a família e não podem estar presentes no horário da aula, não estão dispostos a comparecer, ou não têm acesso à internet. Segundo o IBGE, em 2019, 40 milhões de brasileiros não possuíam acesso à internet (IBGE, 2020). Para os estudantes que têm que enfrentar a problemática da falta de acesso à internet, as aulas assíncronas foram impressas e retiradas pelo estudante ou responsável na escola.

As aulas síncronas foram elaboradas a partir de assuntos presentes no cotidiano dos alunos, o que possibilitou uma maior interação entre residentes e estudantes. Como as aulas síncronas ocorriam quinzenalmente, as oportunidades de conversação com os estudantes eram poucas, onde 1 ou 2 abriam a câmera e alguns deles abriam o microfone, enquanto outros se faziam ativos somente pelo bate-papo. Com isso, sentimos uma dificuldade em conhecer a turma e saber como é a relação deles com o modo de aula que adotamos. Para isso, a todo momento questionamos os pensamentos deles sobre as atividades e, dessa forma, conseguimos nos guiar para a elaboração das próximas aulas.

Mesmo com as restrições do modelo remoto de ensino e ainda com poucos alunos comparecendo às aulas síncronas, as aulas foram bem interativas, tendo bastante participação daqueles que se faziam presentes dentro de suas limitações. Relataremos aqui uma das aulas síncronas que lecionamos, sobre as Olimpíadas de Tóquio 2020. A aula foi preparada a partir de uma conversa com a professora preceptora sobre o que estava acontecendo na atualidade e como poderíamos relacionar esta aula com a anterior, que falava sobre ecologia. Pensou-se então em falar sobre as olimpíadas e a sustentabilidade. Para isso, foi preparada uma apresentação de slides sobre o assunto, integrando também algumas informações sobre a reciclagem feita no município de Rio Grande, RS, onde as licenciandas, professora e alunos residem.

Nesta aula foram utilizadas diversas curiosidades e imagens sobre os materiais reciclados que originaram medalhas, tochas, móveis, entre outros objetos presentes nas olimpíadas. Ao final, mostramos algumas informações sobre as ações feitas na cidade de Rio Grande, como a coleta seletiva, por exemplo. Enquanto apresentamos os slides e falávamos sobre o assunto, também perguntávamos algumas coisas para os alunos, como “você assistiram às olimpíadas?”, “gostam de assistir aos esportes?” e eles interagiram bastante, alguns falando pelo microfone e outros digitando. Quando a coleta seletiva foi citada,



também realizamos perguntas sobre a prática deste hábito e obtivemos boas interações.

Sobre as turmas de primeiro ano dessa escola em questão (E.E.E.M. Eng. Roberto Bastos Tellechea), a professora preceptora diz que nós, residentes, ficamos com turmas bem participativas. Segundo ela, isso não é a realidade de todas as turmas desta escola, já que cada turma tem sua individualidade e muitos estudantes não se sentem confortáveis em abrir a câmera ou microfone durante as aulas, ou ainda digitar no bate papo. Além disso, ao final do primeiro trimestre, em julho de 2021, a escola realizou um pré conselho de classe com os estudantes e como um grande ponto positivo citado por eles foram as atividades propostas e realizadas nas turmas de biologia com os residentes da FURG.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

As aulas presenciais são muito valiosas tanto aos professores quanto aos estudantes. Nesse sentido, beneficiam-se também os docentes em formação. Dentro da Universidade, temos uma formação teórica que também não deixa de ser importante para a prática pedagógica, porém, é dentro da escola que os licenciandos, de fato, se tornam professores ou professoras. Em nossa experiência no PIBID, aprendemos bastante e tivemos a oportunidade de presenciar situações únicas, que só são possíveis de serem vivenciadas no ambiente escolar, com as aulas presenciais. Apesar dos alunos terem interagido bastante em nossas aulas online, nada se compara com a experiência presencial.

A partir de nossa experiência, consideramos que os modelos de ensino presencial e remoto são completamente diferentes. Enquanto no ensino presencial temos alunos mais ativos e um melhor retorno em relação às atividades propostas, no ERE quase não conseguimos perceber a presença dos alunos, pois o que vemos na maior parte do tempo das aulas síncronas são seus nomes na tela do computador.

Com isso, concluímos que ainda é difícil pensar em um ERE ou híbrido (modelo de ensino que une o presencial e o assíncrono) de qualidade e acessível a todos, levando em consideração a desigualdade social do nosso país. Porém, como há a possibilidade de continuarmos em um ensino híbrido, vemos a importância de pensar em formações de professores sobre as tecnologias virtuais, já que estas promovem uma interação mais dinâmica com os estudantes.

Entretanto, achamos importante destacar que os problemas enfrentados no ERE vão muito além de professores que não possuem um conhecimento em tecnologias, tendo em vista a grande quantidade de indivíduos sem o acesso à internet, bem como estudantes que auxiliam no sustento do lar. Problemáticas como estas, podem acabar dificultando o acompanhamento das aulas por conta do conflito de horários prejudicando, assim, o processo da aprendizagem.

5. REFERÊNCIAS

FISCARELLI, Rosilene Batista de Oliveira. Material didático e prática docente. Revista ibero-americana de estudos em educação, São Paulo, v. 2, ed. 1, p. 1-9, 2007. Disponível em:



<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/454> . Acesso em 31 de agosto de 2021.

HODGES, Charles. The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. Educause review, 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Acesso em: 22 agosto 2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; “Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2018”. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101705_informativo.pdf. Acesso em: 22 de agosto de 2021.

LOPES, Rita de Cássia Soares. A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem. Portal educacional dia a dia educação, Paraná, 2017. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf> Acesso em: 31 de agosto de 2021.